

O helenismo em Kaváfis: multiculturalismo e identidade

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a poesia de Konstantino Kaváfis a partir da particular síntese que ele cria entre poesia, história, memória e identidade. Para isso, buscamos compreender os processos de síntese cultural envolvidos no surgimento do mundo helenístico e como o poeta mobiliza esse período histórico a fim de, a partir dele, constituir a sua própria identidade, colocando-se como herdeiro de um glorioso passado helênico.

Palavras-chave: Konstantino Kaváfis – Helenismo – Cultura – Identidade

Abstract

This article aims to reflect on the poetry of Konstantino Kavafi, based on the particular synthesis he creates between poetry, history, memory and identity. For that, we look for understand the processes of cultural synthesis involved in the emergence of the hellenistic world and how the poet mobilizes this period in order to, from that, constituting his own identity, considering himself as heir of a glorious Hellenic past.

Key-words: Konstantino Kavafis – Hellenism – Culture – Identity

A expansão helênica de Alexandre, o Grande (356 – 323 a.C.), no século IV a.C., criou um cenário talvez nunca experimentado na História, no qual diversos mundos antigos, que já possuíam entre si diferentes níveis de contatos e trocas comerciais e culturais, foram unidos sob um aspecto comum: a ocupação Grega e a força de sua língua e de sua cultura. Entretanto, essa cultura Grega não suplantou as culturas locais, pois não era esse o objetivo de Alexandre e nem o poderia ser, é uma impossibilidade; isso porque no encontro entre duas culturas, mesmo em um contexto de dominação militar, como no caso da expansão do Império Helenístico, temos o encontro de dois sistemas de concepção de mundo, considerando-se a definição de cultura de Clifford Geertz, segundo o qual, trata-se de uma rede de significados, dos sistemas de pensamento por meio dos quais “os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 2008, p. 66).

A relação entre duas culturas, dois sistemas de pensamento que se encontram, não é de aniquilação e substituição, mas de troca, adaptação e

empréstimos. Entretanto, para que essa relação de troca e adaptação ocorra, ou seja, para que elementos de uma cultura façam sentido para a outra e vice-versa, é necessário que haja uma modificação nos significados desses elementos, e, por vezes, nos próprios sistemas. Por outro lado, o contato entre as culturas pode modificar de forma tão profunda os sistemas e suas categorias que chega a promover uma mudança estrutural, uma completa alteração em todo o sistema, o que pode ser notado especialmente em situações extremas como a chegada dos europeus no continente americano ou, de forma mais lenta e gradual, como a passagem do “paganismo” ao Cristianismo no mundo greco-romano.

Esse jogo de adaptação, acomodação e ressignificação, no entanto, é complexo, ainda mais se consideramos que existem culturas de maior prestígio do que outras. Por exemplo, Roma foi militarmente superior à Grécia em 146 a.C., mas a cultura grega possuía enorme prestígio entre a elite romana, donde se fala, muitas vezes em cultura greco-romana para se referir à cultura do Império Romano. A expansão da cultura grega com todo o seu prestígio se desenvolveu nos lugares onde foi levada por Alexandre a partir desses complexos mecanismos aqui muito brevemente descritos, criando em cada local uma síntese particular com a cultura de base, processo chamado de helenização.

A helenização não inaugura esse tipo de relação; houve outros impérios poderosos que dominaram populações gerando essas interações culturais. Mas a novidade, nesse caso, foi o fato de isso ter ocorrido em uma expansão territorial tão grande e tomando-se a mistura cultural como programa. Um dos elementos de maior destaque nessa empreitada é a língua grega, que passa a desempenhar a função de língua franca desde a Hélade, até o Oriente Próximo e o Egito, inclusive, mantendo seu *status* mesmo após a conquista pelo Império Romano, já que nesses lugares a fala grega nunca foi suplantada pelo Latim, mas permaneceu como língua da porção oriental do Império.

É a esse mundo, a esse uso da língua e a essa concepção de identidade helênica a que Kaváfis preferencialmente se refere. Konstantino Kaváfis (1863 – 1933) foi um poeta que nasceu e morreu em Alexandria e viveu em um conturbado período de convulsão e transformação sociopolítica a nível local e global, como a invasão do Egito pelo Império Britânico em 1882, a constituição do Estado Grego Moderno e a primeira Guerra Mundial; o mundo tal qual ele conhecia estava em profundo processo de transformação. Sua história pessoal,

de fato, é fundamental para que compreendamos a singularidade de sua poesia: ele nasce e cresce como um grego helenístico em terras ao mesmo tempo familiares e estrangeiras. Sua mãe é de uma família nobre de Constantinopla (atual Istambul), de tradição grega, que remonta a antigas linhagens bizantinas e seu pai era comerciante; portanto, a tradição e a identidade Gregas fazem parte de sua própria subjetividade e de como ele se vê no mundo, um mundo que, nesse caso, é islâmico na religião e linguisticamente árabe em Alexandria e turco em Constantinopla.

Kaváfis, como herdeiro de um passado que não existia mais e atual cidadão de um mundo em convulsão, encontra refúgio na justamente no período histórico acima sucintamente descrito: helenístico e greco-romano. Por isso, Victor Villon afirma “Mas a poesia kavafiana é um magnífico cruzamento entre história, subjetividade, memória e poesia” (VILLON, 2010, p. 143). Toda a sua identidade, sua forma de estar e ser no mundo e, por extensão, sua obra, são compreendidas por meio da chave desse mundo helenístico antigo, e da sensação de não pertencimento ao *saeculum* atual; a extemporaneidade, que por vezes acomete os escritores da modernidade, e que, ao mesmo tempo, os liga ao passado e os permite uma lúcida leitura do presente, pois ele não vive alheio ao seu próprio tempo.

O contexto específico de Kaváfis, a cidade de Alexandria, é ainda um território à parte quando pensamos em helenização e em interações culturais. O Egito foi conquistado por Alexandre quando estava em mãos Persas em 332 a.C., e, após a conquista, foi construída a cidade de Alexandria sob um povoado local, a qual veio a ser uma das mais importantes cidades da Antiguidade durante o período helenístico e o período romano; após a morte de Alexandre em 323 a.C., a dinastia Ptolomaica, originária do general Ptolomeu que se tornou governante do Egito, fez da cidade a sua capital. Lá, tivemos a Biblioteca de Alexandria, o Museu, e se desenvolveram importantes centros de estudos, inclusive judaicos e cristãos. Alexandria era ela mesma uma síntese do helenismo acima descrito, congregando a população local e sua cultura de grande tradição e prestígio, grupos de judeus da diáspora, de gregos e posteriormente de cristãos – gerando um ambiente pungente e fecundo, no qual a cultura grega funcionava como amálgama e como reagente adicionado a esses elementos prévios. Toda essa efervescência cultural fez da cidade de Alexandria não apenas um, mas O modelo de helenização: “ela foi o ‘modelo’, se assim podemos dizer, do que entendemos pelo conceito de ‘helenístico’.” (VILLON, 2020, p. 208)

Por outro lado, Constantinopla foi construída por Constantino I como capital do Império Romano do Oriente sobre a antiga cidade de Bizâncio, que fora fundada já como colônia grega no século VII a.C. A antiga colônia foi conquistada pelo Império Persa e depois recuperada pelos gregos, entrando sob domínio romano em 150 a.C., e fazendo parte da porção oriental do Império que permaneceu com fala e cultura gregas, mesmo quando transformada em Constantinopla no século IV d.C. e tornando-se capital do Império Bizantino após a queda da porção Ocidental do Império Romano em 476 d.C. Em 1453, foi conquistada pelos otomanos, de fala turca e religião islâmica, fato que marcou o começo da Idade Moderna; Alexandria, já houvera sido conquistada no século VII d.C. pelos árabes também islâmicos, colocando um fim na era de ouro helenística da cidade.

Kaváfis e sua família eram remanescentes das comunidades gregas que permaneceram após essas conquistas, e, como tal, ele se propôs a honrar essa era de ouro helenística sobretudo em Alexandria. Assim, se faz presente em sua poesia o registro da própria pluralidade cultural existente na cidade. Para Fernanda Lima:

(...) destaca-se a ideia de que Kaváfis fermentou-se em um espaço multicultural, em que idiosincrasias são dissolvidas em uma cidade elaborada por mitos: Alexandria do Egito não é um *apenas*, mas sim o cânone da preposição *com*: diversas etnias e culturas são colocadas na transcendência de nacionalidades em que elos estéticos e poéticos perpassam tais barreiras no contínuo processo de angústias e falências intrínsecas ao sujeito na busca incessante do verbo *edificar*, mesmo que esse processo esteja fadado *ab initio* a essa duradoura e ininterrupta falência. (LIMA, 2017, p. 89)

Kaváfis, assim, apresenta em sua poesia uma ideia do ser grego que atravessa fronteiras, séculos e eras: seus poemas abrangem desde referências aos poemas homéricos, dentre os quais destaco o belíssimo *Ítaca*, até à história romana, como em *Passos*, e ao período Bizantino, com *Na Igreja*. Esse processo que envolve história, memória e identidade faz da História a sua história, vincula-se, portanto, à tradição de seu povo e de sua família como forma de encontrar um esteio em meio a um cosmos completamente desordenado e decadente que lhe envolve. O interessante, e que gostaríamos de destacar neste trabalho, é que essa memória, apesar do contexto nacionalista dos séculos XIX e XX, possui foco justamente em ressaltar o caráter multicultural e transnacional do helenismo; sua identidade é cultural, é uma identidade de tipo antigo e não contemporâneo.

Para tal, escolhemos um poema do tipo histórico, a fim de analisarmos como essa construção do ser helênico e alexandrino aparece em sua obra:

EM 200 A.C.

«Alexandre, filho de Filipe, e os gregos, salvo os lacedemónios...»
PLUTARCO, Alexandre, 16.

Podemos muito bem imaginar
a total indiferença que havia em Esparta
por tal inscrição. – «Salvo os lacedemónios»,
naturalmente. Não eram os espartanos
gente que se deixasse conduzir e mandar
como servos de luxo. Mas, além disso,
uma expedição pan-helênica sem
um rei espartano como seu chefe,
não devia parecer-lhes muito importante.
É claro, pois: «Salvo os lacedemónios»!

É também uma posição. Percebe-se.

Assim, salvo os lacedemónios, em Grânico;
e em Iso depois; e na derradeira batalha
em que foi varrido o exército temível
concentrado em Arbelas pelos persas; que de Arbelas
marchou para o triunfo e foi aniquilado.
E desta estupenda expedição pan-helênica,
vitoriosa, resplandente,
afamada, gloriosa
como nenhuma outra o foi, surgimos nós,
um novo mundo helênico, imenso.
Nós: os alexandrinos, os antioquenses,
os selêucidas e os outros
gregos incontáveis do Egípto e da Síria,
e os da Média e Pérsia, e tantos outros.
Com estados enormes, e a rica
influência da nossa hábil adaptação.

E a nossa Comum Língua Grega,
ao coração de Bactriana a levamos, à Índia.
Vinde agora falar dos lacedemónios!

O poema acima, *Em 200 a.C.*, refere-se a um momento específico em que as conquistas do Império Alexandrino estariam de certa forma consolidadas, enquanto se aproximava a data da conquista romana; seria o momento de auge dessa civilização helenística, tão cara ao poeta. Nele, podemos destacar certos elementos que configuram essa identidade helenística para Kaváfis, bem como esta é constituída: primeiramente, o poema contém certa ironia em relação aos Lacedemônios (KEELEY, 2009, p. 15), os espartanos, que se recusaram a participar das campanhas de Alexandre; eles, como uma das principais cidades da Hélade, são os elementos ironizados no poema, enquanto os macedônios –

que por vezes foram considerados gregos de segunda categoria em relação às outras cidades-estado – são os aclamados, assim como os povos que receberam a cultura grega. Kaváfis interpreta que, para os espartanos, “uma expedição pan-helênica sem um rei espartano como seu chefe, não devia parecer-lhes muito importante.”. Mas, em contrapartida, exalta o fato de terem sido justamente os macedônios a derrotar a Pérsia. A glória grega, dessa forma, está mais relacionada à disposição em criar esse Império Helenístico do que com o pertencimento a uma tradição clássica.

Em um segundo momento, Kaváfis se coloca como fruto dessa expansão: “E desta estupenda expedição pan-helênica (...) surgimos nós, um novo mundo helênico, imenso.” Ele tem plena consciência de sua existência enquanto filho e herdeiro desse momento, colocando a expansão alexandrina como mito fundador dessa nova civilização. Em um terceiro momento, ele elenca e identifica os povos que pertencem a essa tradição, ora citando regiões – Síria, Egito, Média, Pérsia – ora cidades, inclusive destacando Alexandria do restante do Egito, bem como Antioquia, outra importante cidade helenística, e o Império Selêucida, parte que na divisão das conquistas alexandrinas coube ao general Seleuco Nicátor (358 – 281 a.C.) e que corresponde, grosso modo, ao Oriente Médio.

Por último, ele destaca duas características do que considera esse “novo mundo helênico”, o compartilhamento da língua grega e uma certa “capacidade de adaptação”: enquanto o primeiro é facilmente compreendido, como o elemento que Kaváfis elenca como o principal traço cultural compartilhado pelos povos que passaram pelo processo de helenização, “a nossa Comum Língua Grega, ao coração de Bactriana a levamos, à Índia.”; de fato, como já vimos, o uso do Grego Koiné como língua franca no Oriente foi realmente um fenômeno linguístico e cultural da maior importância. O segundo é um pouco mais complexo: essa “influência da nossa hábil adaptação”, é um trecho interessante, pois apresenta o elemento central nesse processo, que, como explicado acima, é a capacidade de adaptação da cultura grega helenística, bem como a capacidade de negociar e de se reinventar das comunidades gregas ao longo dos séculos, a fim de sobreviverem às sucessivas dominações.

Assim, o poema retorna ao momento de glória da civilização helenística para, por um lado, estabelecer o mito fundador dessa sociedade – a expansão alexandrina e a derrota dos persas –, e, por outro, elencar os povos que a ela pertencem e sua principal característica compartilhada, aos quais ele se filia

pelo uso do pronome “nós”. História, mito e memória se entrelaçam na construção da identidade do poeta, último filho de Alexandre e órfão de seu Império.

Bibliografia

FERNANDES, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de Constantino Kaváfis. *In: Biografias y Vidas. La enciclopedia biográfica en línea* [Internet]. Barcelona, España, 2004. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/k/Kaváfis.htm> [acesso em: 28 de novembro de 2021].

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LIMA, Fernanda Lemos; PÓVOA, Luciana. A transgressão pela estética da falência na prosa poética de Konstantinos. **Ελληνικό Βλέμμα: O Olhar Grego**. n. 1. p. 88-103. UERJ, Brasil, 2016.

KAVÁVIS, Konstantinos. **145 Poemas**. Tradução e apresentação de Manuel Resende. FLOP, 2017.

KEELEY, Edmund. O Essencial de Kaváfis (fragmentos). *In: KAVÁVIS, Konstantinos. Ítacas*. Belo Horizonte, FALE/UFGM: Viva Voz, 2009. p. 15-19.

PETROPOULOS, Ioannis. Desconstruindo o conceito de bárbaro com a ajuda de Kaváfis. **Ελληνικό Βλέμμα: O Olhar Grego**. n. 3. p. 2-13. UERJ, Brasil, 2017.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

VILLON, Victor. Nos Poéticos Arquivos da História: Konstantinos Kaváfis entre Memória, História e Poesia. **Ars Historica**. v. 1, n. 2, p. 137-147, jul.-dez, 2010.

_____. O mundo greco-romano de Konstantinos Kaváfis. **NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade**. v. XII, n. 1, p. 196-219, 2020.